



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

Os salões de Arte de Feira de Santana (1980 e 1984) e a consolidação das artes visuais como elemento referencial da cultura artística feirense.

1. Mailda Santos da Silva Souza, História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: maildasouza4@gmail.com
2. Aldo José Morais, Departamento de humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: aldojose2@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Atividades culturais; Feira de Santana; produção literária.

INTRODUÇÃO

O museu regional de Feira de Santana foi fundado em 26 de março de 1967, advindo do desejo de sujeitos que consideravam importante a preservação das características feirenses, e daqueles que ansiavam pela modernização da cidade. A sua fundação é decorrente principalmente do projeto de interiorização das artes, idealizado por Assis Chateaubriand, este trabalho foi de fundamental importância para o começo da descentralização dos museus apenas das grandes metrópoles brasileiras. (BORGES, 2018) o Museu de Arte Moderna de Pernambuco, o Museu de Arte Assis Chateaubriand na Paraíba e o Museu Regional de Feira de Santana para o qual doou, ele próprio um acervo de expressivo valor logo após a fundação do Museu.

Ao iniciar suas atividades o Museu Regional de Feira de Santana atendia plenamente as expectativas dos grupos que o idealizaram. Para os defensores das tradições históricas da cidade o museu havia reunido uma vasta coleção dedicada à cultura regional, constituída por artefatos característicos da chamada “cultura do couro”, que ilustrava o dia-a-dia do homem sertanejo e remetiam às origens do povo de Feira de Santana. Os adeptos da modernização da cidade foram contemplados com um acervo de artes plásticas no qual figuravam artistas modernistas brasileiros de destaque, incluindo baianos e feirenses. (SILVA, 2015) contribuindo significativamente para a divulgação da arte modernista feirense e baiana (BORGES, 2018) .

Esta dualidade acabou se refletindo na sociedade Feirense que por um lado era marcada pelo tradicionalismo, pela conservação da memória de uma Feira rural, mas também de uma Feira que desejava se urbanizar, é nesse sentido que o trabalho vem sendo desenvolvido colocando em questão a realização de dois salões de artes visuais, e os impactos que estes tiveram na sociedade, analisando se o intuito destes eram fortalecer o projeto por uma Feira urbana e universalista.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O processo de pesquisa teve como fonte básica a série de periódicos (jornais) feirenses dos anos de 1980, sendo feita análise em todos os periódicos disponíveis no período estudado, que estavam incorporados no Museu Casa do Sertão, no entanto, os levantamentos de ocorrência com notícias a respeito dos salões de arte tanto antes

quanto após sua realização foram encontrados nos jornais *Folha do Norte* e *Feira Hoje* sendo realizado um banco de dados a respeito das notícias encontradas sobre o Museu Regional, pesquisa esta atrelada a um diálogo com bibliografias básicas sobre o tema estudado.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O museu regional sediou dois salões de artes plásticas na década de 1980, o primeiro aconteceu no período de 21 de novembro a 5 de dezembro de 1980, e o segundo de 22 de novembro a 8 de dezembro de 1984. Ambos os salões tendo sido organizados por Kátia Carvalho e Antônia Cardoso, que eram funcionárias do museu regional, que tinha como diretor na época Dival Pitombo que foi um grande incentivador de novos artistas e de muitos acontecimentos artísticos e culturais da cidade, e um dos que contribuíram para a fundação do Museu Regional de Feira de Santana. (SILVA,2015)

A fundação do MRA acontece em um momento em que a cidade vivenciava o impacto da ditadura civil militar instaurada em 1964. Além disso, a sociedade feirense na década de 1960 passou por diversas mudanças, crescendo e se modernizando de forma rápida. A quantidade de indústrias crescia e isso causou bastante euforia em alguns sujeitos que almejavam a modernização da vida urbana. No entanto, Feira de Santana é marcada também por uma história de características rurais, sertanejas, como o comércio do gado que na ocasião ainda era bastante forte. Logo havia grupos que temiam a perda dessas peculiaridades feirense. (SANTOS, 2015)

É nesse sentido que surge a ideia da criação do museu regional, que é apoiado tanto pelos sujeitos que se preocupavam com as perdas das características marcantes da cidade e que acreditavam que se devia registrar e documentar essa época para o resgate da memória da região, como por aqueles que almejavam a modernização, intelectuais, políticos artistas que acreditavam que dentro desse processo de modernização haviam um certo atraso na esfera cultural e que, por conta disso, deveria haver mais investimentos neste âmbito.

Nesse período, a sociedade feirense passou a investir bastante em atividades culturais formais. Segundo Silva (2015), entre os períodos de 1950 a 1970 a cidade inaugurou muitos aparelhos culturais, além do Museu Regional, como a biblioteca infantil, o ginásio e o estádio municipal. A maioria dessas instituições surgem por meio da insistência da elite e do poder público local, que desejavam instituições relacionadas ao mundo artísticos, a fim de que esse aspecto acompanhasse as mudanças econômicas que estavam acontecendo na cidade.

Há figuras importantes que contribuíram de forma significativa para o surgimento do museu, dentre elas está o cronista, ensaísta e poeta Eurico Alves nascido em Feira de Santana, que tentava impedir que a modernidade atropelasse todo um “legado histórico” da sociedade pastoril (SANTOS, 2015). Empreendedor das telecomunicações, Assis Chateaubriand, um dos principais responsáveis pela criação do Museu arte de São Paulo (MASP), idealizou uma campanha nacional de museus regionais que resultou na construção de três museus, o Museu de Arte Moderna de Pernambuco, o Museu Regional de Feira de Santana, na Bahia, e o Museu de Arte Assis Chateaubriand em Campina Grande, na Paraíba. Um outro sujeito que também entrou em cena foi Odorico Tavares, que era conhecido pelo seu envolvimento no mundo das artes e participou do desenvolvimento do projeto de implantação do Museu regional. Uma outra figura que contribuiu foi Joselito Amorim na época prefeito da cidade, entre os anos de 1964 a 1967. (SANTOS, 2015)

As pessoas mencionadas utilizaram de seus status social e suas representações na sociedade para influenciá-la quanto à difusão da percepção da importância da construção da instituição, considerando a contribuição que dela se esperava para a promoção de uma imagem civilizada da cidade, uma vez que o nível cultural era associado com o status de modernidade.

E foi em 26 de março de 1967 que o museu regional abre suas portas para a população, segundo Silva (2015), atendendo as expectativas dos grupos que o idealizaram. Para quem defendia a tradição da história da cidade havia um acervo dedicado a cultura da região, que demonstrava características do homem sertanejo. Aos adeptos da modernização também foram contemplados com trabalhos voltados a artes plásticas de artistas modernistas brasileiros e feirenses, de modo que a criação do MRA contemplou a todos.

É neste período da década de 1980 que os salões de artes aconteceram no museu Regional tendo como objetivo “apresentar os novos artistas e os trabalhos mais representativos da atualidade artística do Estado.” (FOLHA DO NORTE, 1980, p. 3). Foram eventos em que tanto artistas já conhecidos quanto os novos artistas participaram, o que acabava contribuindo para que os mais novos pudessem ganhar mais visibilidade, e acabava movimentando a vida sócio cultural da cidade.

Havia nos salões seções de pintura, escultura, desenhos e gravuras. Os artistas concorriam a prêmios pelos seus trabalhos e eram avaliados por críticos de artes. O primeiro salão de artes teve em média a exposição de 30 artistas. (FOLHA DO NORTE, 1980. p. 5)

Já o II salão de artes, de acordo com os registros do jornal *Feira Hoje*, contou com mais de 120 trabalhos de artistas de todo estado, tendo amostra de trabalhos premiados como de Joaquim Franco Brasileiro (prêmio Raimundo Oliveira); Gil Mário de Oliveira Menezes (prêmio Olney São Paulo); Geraldo Santana (prêmio Ângela Oliveira) e vários outros artistas de renome nacional. (FOLHA DO NORTE, p. 9)

Para os jornais *Folha do Norte* e *Feira Hoje* só a parti do II salão ficou mais evidente a ajuda da prefeitura ao MRA para a realização dos salões, bem como de empresas e entidades, havendo muitas propostas de firmas e indústrias prometendo apoio financeiro e moral ao acontecimento, indicando o anseio tanto do poder publico, quanto de outros sujeitos pela realização do evento que de certo modo movimentava a cidade, uma vez que houve muito investimento desde a organização a convite de presenças Vips de modo a chamar atenção do publico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir das fontes e bibliografias consultadas foi possível compreender de que modo e em que contexto surge o Museu Regional, ideia esta que foi abraçado por diversas pessoas e grupos que tinham interesses próprios para o surgimento da instituição, e como, uma vez criado, esse passou a ser visto como um local educativo e centro de efervescência cultural, dando espaço às artes plásticas, assim como às expressões literárias. Muitos viam nessas manifestações o fortalecimento do processo de modernização feirense, e influenciando o (e influenciado pelo) crescimento artístico na cidade.

As análises nos jornais, apesar de não apresentarem muitas notas posteriores à realizações dos salões de artes plásticas, tanto em 1980 quanto em 1984, foram importantes para compreender os objetivos da realização do evento, qual seja: disseminar os trabalhos artísticos de diversos artistas plásticos da Bahia e, principalmente, dar oportunidade a outros artistas a exibirem os seus trabalhos e passarem a ser conhecidos, já que nomes importantes no mundo artístico participaram,

além de movimentar a vida sócio cultural da cidade, a fim de atrair um grande público. Os salões integravam uma série de iniciativas que se vem processando desde a fundação do museu regional, com o objetivo fundamental de incentivar as atividades artísticas da região que Feira de Santana centraliza (FOLHA DO NORTE, 1984, p. 5) Como modo de ser atuante no cenário cultural.

Nesse sentido deve levar em consideração que ao longo do século XX era almejado por muitos o processo de modernização feirense, e buscou-se por meio do movimentos culturais ter a imagem de uma cidade intelectual e, a imagem de novos artistas cria a ideia de uma sociedade culta, assim como o apoio do poder público quanto de outras empresas , e a presença de pessoas importantes no evento dos salões de artes visuais, a frequência das notas publicadas sobre o mesmo, demonstram formas usadas para incentivar o fortalecimento da imagem de cidade moderna e intelectual.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Amanda da Silva. *Avant-garde modernista em Feira de Santana (1947-1967)*. 2018. Monografia (Conclusão de Curso de Graduação em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2018.
- DÓREA, Juraci. *Cartas de Eurico Alves: fragmentos da cena modernista*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.
- MENEZES, Gil Mário de Oliveira. *Cultura e artes plásticas em Feira de Santana*. (Org). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.
- Museu Regional de Arte. Disponível em: http://www.cuca.uefs.br/?page_id=268
Acessado em 02/08/2019
- SOARES, Walter Guimarães. Reposta ao tempo: Eurico Alves e a construção da paisagem sertaneja. In. SILVA, Aldo José Moraes (Org.) *História, poesia, sertão: diálogos com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.
- SANTOS, Gilvania Conceição dos. *Moderna e culta: o Museu Regional e as aspirações intelecto-culturais de Feira de Santana sob o olhar do jornal Folha do Norte*.

FONTES

- ABERTURA DO II SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS. **Folha do Norte**, Feira de Santana, p. 9, 19 out.1984.
- MUSEU REGIONAL DE FEIRA. **Folha do Norte**, Feira de Santana, p. 3, 19 out 1980.
- MUSEU REGIONAL ABRE SEXTA I SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS. **Folha do Norte**, Feira de Santana, p. 5, 19 nov. 1980.
- SALÃO. **Feira Hoje**, Feira de Santana, p,5,21 de out 1984.
- CORREIO BRAZILIENSE. Brasília: Diários Associados (DA), [1958?]